

Tentativa de rever demissões

HELENA MADER
DA EQUIPE DO CORREIO

Com apenas 10 meses de idade, a pequena Karine Ferreira Silva tem um extenso prontuário médico. Ela nasceu com cardiopatia, uma malformação cardíaca congênita. A primeira cirurgia foi realizada aos dois meses e, na semana que vem, Karine volta à sala de cirurgia. Todas as consultas, exames e procedimentos foram feitos no Instituto do Coração (Incor DF), pagos pelo Sistema Único de Saúde. "Não teria condições de levar minha filha para outra cidade, nem de pagar uma consulta. Se não tivesse esse hospital em Brasília, ela não teria sobrevivido", desabafa o ajudante de pedreiro José Wilson Silva, 33 anos, pai de Karine.

Os pacientes do Incor estão preocupados com a crise que ameaça a entidade. Temem perder o atendimento gratuito e de qualidade. A direção do hospital também já trabalha para tentar escapar dos problemas financeiros. A Fundação Zerbini, que administra o instituto, garantiu que vai rever a decisão de demitir 20% dos 560 funcionários e prometeu buscar recursos para manter inalterados os serviços prestados no Incor-DF. "Nossos profissionais foram todos treinados em São Paulo e seria uma perda muito grande demitirlos agora. Perderíamos o dinheiro da qualificação, além da qualidade no atendimento. Vamos tentar evitar essas demissões, especialmente porque seriam feitas pouco antes do Natal", garantiu ontem o presidente da fundação, Adelmar Sabino.

O controle e a administração financeira do Incor DF são independentes da unidade da capital paulista, que funciona no Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo. A crise na capital federal também tem razões diferentes dos problemas financeiros que ameaçam quebrar um dos principais hospitais de São Paulo. Mas os planos de salvar o Incor podem beneficiar o maior centro de referência em cardiologia de Brasília.

Adelmar Sabino esteve esta semana no Congresso Nacional para pedir ajuda a deputados e senadores. Ele quer garantir emendas que beneficiem o instituto. "Também já conversei com o (presidente da Câmara) Aldo Rebelo para ver como o Congresso pode nos ajudar", explica. O Senado e a Câmara Federal repassaram R\$ 14,5 milhões ao Incor DF este ano. Os repasses das consultas realizadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) chegam a R\$ 800

Fotos: Gustavo Moreno/Especial para o CB



O PEDREIRO JOSÉ WILSON ACOMPANHA A FILHA KARINE, QUE TEM CARDIOPATIA: "SE NÃO TIVESSE ESSE HOSPITAL EM BRASÍLIA, ELA NÃO TERIA SOBREVIVIDO"

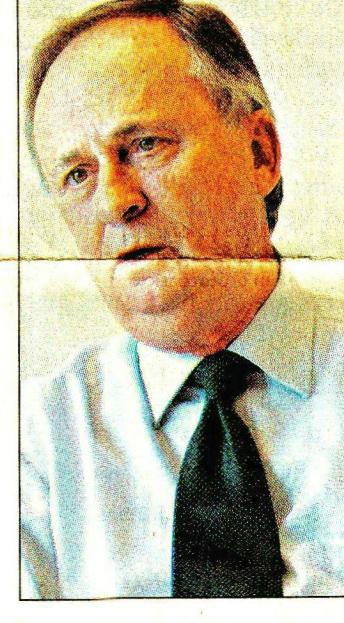
mil por mês. Mas o dinheiro não é suficiente. Desde fevereiro do ano passado, o déficit do Incor DF chega a R\$ 30 milhões.

Para reduzir esse déficit, o Incor procura saídas, como atrair pacientes da rede particular. Hoje, 82% dos atendimentos são custeados pelo SUS, que repassa apenas R\$ 3 por uma consulta que custa R\$ 200. Os convênios particulares pagam R\$ 40. "É preciso divulgar melhor o trabalho do Incor. Muitos brasilienses nem sabem que existem médicos extremamente qualificados na capital federal e continuam procurando atendimento fora", explica Adelmar Sabino.

Convênio

Além da ajuda do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), o Incor batalha pela liberação de R\$ 20 milhões pelo Ministério da Saúde. "Eu e o (ex-ministro da saúde) Adib Jatene fomos ao ministério para tentar conseguir esses recursos por meio de um convênio com o Fundo Nacional de Saúde. Já tivemos esse mesmo repasse no ano passado", explica Adelmar Sabino. A dívida do Incor ultrapassa os R\$ 230 milhões.

A Fundação Zerbini atribui o



ADELMAR SABINO QUER MANTER MÉDICOS: "PERDA SERIA GRANDE"

CAPACIDADE

Desde sua inauguração, em fevereiro do ano passado, o Incor já realizou:

• 18 mil consultas

• 820 cirurgias

• 1,8 mil implantes de marcapasso

• 2,6 mil exames de cateterismo cardíaco e angioplastia

• 4,7 mil exames de tomografia e ressonância magnética

é resultado de uma série de erros. "O Covas explicou à fundação que a prioridade do governo era terminar os 18 esqueletos de hospitais no estado, a maioria na periferia. E a Fundação Zerbini resolveu pegar um empréstimo com o BNDES para concluir o prédio, com a condição de que o hospital repassasse toda a sua receita ao banco durante 10 anos", afirma Barradas.

Com a desvalorização do real, a dívida do Incor cresceu muito. E as receitas continuaram emperradas. O secretário de Saúde de São Paulo garante que o controle do Instituto do Coração pode mudar se a Fundação Zerbini não conseguir resolver seus problemas financeiros. "Mas esperamos que a fundação consiga alongar a dívida com o BNDES e tomar um novo empréstimo para acabar com os problemas", explica Barradas.

De acordo com a Secretaria de Saúde, o governo de São Paulo repassa R\$ 550 milhões por ano aos seis institutos que compõem o Hospital das Clínicas da USP. O Incor é um deles. Além desses recursos, o Ministério da Saúde repassa R\$ 18 milhões por mês às fundações de apoio que controlam o instituto, sendo R\$ 6 milhões para a Fundação Zerbini.

Capacidade de crescer

A idéia de construir uma unidade do Incor em Brasília surgiu em 2000, fruto de uma articulação política do então presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães, e do ex-presidente da Câmara, Michel Temer. Os R\$ 100 milhões para a construção da unidade vieram de uma parceria entre Câmara dos Deputados, Senado, Ministério da Defesa e Incor. Os recursos foram investidos no prédio e na compra de equipamentos. Parte da área do Hospital das Forças Armadas foi cedida ao instituto.

Atualmente, o hospital tem parte das suas instalações ociosas. O número de consultas poderia subir de três para seis por dia. E o número de exames como cateterismo e angioplastia também poderiam dobrar. O presidente da Fundação Zerbini, Adelmar Sabino, espera equilibrar as despesas e as receitas até junho para, então, aumentar o número de consultas, cirurgias e exames.